

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E A TEMÁTICA AFROBRASILEIRA

Hayana Crislayne Benevides da Silva
Graduanda de Pedagogia pela UEPB
Hayana_benevides@yahoo.com.br

Mônica Teodosio da Silva
Graduanda de Pedagogia pela UEPB
ednalvamoni@hotmail.com

Kátia Anne Bezerra da Silva
Graduanda de Pedagogia pela UEPB
katiaanne.b@gmail.com

Margareth Maria de Melo
Profa. Doutora Orientadora pela UEPB
margarethmmelo@yahoo.com.br

Nossa pesquisa de Iniciação Científica- PIBIC/CNPq, que aborda a questão afrobrasileira nos livros didáticos de história do primeiro ciclo do Ensino Fundamental das escolas públicas, faz parte do projeto PROPESQ/UEPB, “Africanidades e afrobrasileiridades representadas na lei 10.639/03, no curso de formação docente, em escolas quilombolas e da rede pública de ensino de Campina Grande – PB”, que se encontra em andamento.

O objetivo principal da nossa pesquisa é averiguar e analisar como a imagem do/a negro/a está sendo representada nos livros didáticos de história do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, disponíveis e em uso nas escolas, tendo em vista a promulgação da lei 10.639/2003.

A referida lei, a qual assegura que todas as escolas devem incluir em suas práticas educativas a história e a cultural afrobrasileira e africana de forma sistemática, permitindo assim, aos sujeitos uma compreensão dos fatos históricos e desnaturalizando o preconceito, racismo e discriminação em relação aos povos negros.

A escola tem um papel fundamental para a construção dessa nova percepção, de reconhecer o outro em sua diversidade e potencialidade, a lei 10.639/2003 assegura a valorização e o reconhecimento dos negros que tiveram suas culturas negadas. Mas para

que isso aconteça é necessário que a educação desnaturalize as suas práticas educativas, pois durante muito tempo ela disseminou preconceitos, estigmas e discriminações a população negra.

A metodologia do referido trabalho é de natureza qualitativa e a pesquisa exploratória e descritiva. Em primeiro momento foi realizada a pesquisa documental relacionada à temática em estudo. Fundamentamo-nos em documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais volumes V, VIII e X, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

Para produção deste artigo foram analisados dois livros de história do I ciclo inicial do Ensino Fundamental. A análise dos livros didáticos se deu principalmente em torno das imagens, buscamos identificar como o negro é representado e se estes livros têm contemplado à temática história e cultura africana e afrobrasileira.

O Negro representado no livro didático

Partimos do pressuposto que o livro didático é um dos norteadores nas práticas educativas e que para alguns professores é o único suporte para auxiliar o seu trabalho em sala de aula. O livro didático é uma importante ferramenta no processo educacional, na medida em que é um espaço onde as ideias são veiculadas, onde se comunica e se transfere conhecimentos dos mais diversos tipos: culturais, religiosos, científicos e sociais.

Mediante as escolhas dos conteúdos curriculares e o currículo oculto percebe-se que a imagem privilegiada é a dos padrões europeus, sendo assim, não contempla a diversidade cultural e histórica dos alunos, o que produz uma desvinculação de seu mundo concreto.

A escola tem papel fundamental para a desconstrução das concepções equivocadas e estereotipadas que se criou a respeito do negro e da sua história, a mesma precisa está em constante luta contra o racismo e incentivar na valorização desses povos em seus aspectos físicos e culturais, conforme afirma as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Racial e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana:

(...) é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL, 2004, p. 7).

O discurso da educação atual centra-se na diversidade, portanto o desconhecimento e a negação dos aspectos relacionados à temática afrobrasileira e africana é uma questão preocupante, sabendo que não se pode falar em diversidade sem se remeter aos negros que tanto contribuíram para a formação e desenvolvimento do nosso país em âmbitos econômicos, históricos e culturais.

É possível uma reflexão acerca de que tipo de conhecimento deve ser inserido nos livros didáticos, sabendo que o mesmo “apresenta o passado histórico e a cultura do povo negro sob forma reduzida e conivente, quando não consegue invisibilizá-los completamente” (SILVA, 2010, p. 54). É preciso compreender que o livro é um produto editorial, vulnerável às influências econômicas, políticas e culturais. Assim, é indispensável cautela na escolha do livro, tendo em visto tais aspectos, sendo fundamental preservar a autonomia do professor, para que ele possa fazer uma boa escolha do livro que será utilizado em suas aulas.

Dessa forma, é de suma importância que os professores escolham com muito critério o livro didático que adotarão para ser utilizado em suas práticas educativas, observando os seguintes requisitos: A organização dos conteúdos, as imagens que o livro apresenta e observar se o livro possibilita discussões que interligam os conteúdos históricos com os fatos atuais.

Apresentação e análise dos livros didáticos

O primeiro livro estudado foi de Leylah Carvalhaes e Regina Nogueira Borella do Projeto Prosa – História 2º ano Ensino Fundamental, era a 2ª edição e o ano 2011.

Observamos que a capa traz o nome do livro e uma ilustração de uma casa de brinquedo feita de plástico com três bonecos com as respectivas cores: Amarelo, vermelho e lilás. Isso poderia ser um indicativo de que seria considerada a diferença

entre as pessoas ao longo do livro, mas infelizmente a proposta do livro é muito confusa, não fica clara a valorização das diferenças.

O primeiro capítulo do livro com o título: “Muito prazer!”, traz uma ilustração de uma sala de aula com uma professora branca no quadro e sete alunos, entre eles só um é negro. No entanto, sabemos que a maioria das escolas públicas do Brasil é composta por crianças negras, porque logo no primeiro capítulo do livro nota-se a ausência de personagens negros? Essa ilustração não reflete a realidade da sala de aula das crianças, será que essa situação poderia ser mais bem retratada?

Na página 14 encontramos o título: “Você tem história”. Este capítulo traz o seguinte texto:

Até 1500, as terras onde hoje fica o Brasil eram habitadas por diferentes povos indígenas. Nesse ano, chegaram os portugueses, que cruzaram oceanos em busca de riquezas e de novas terras. Algumas décadas depois, começaram a vir também, à força, africanos escravizados. Atualmente, pessoas do mundo inteiro vivem no Brasil. Há também muitos brasileiros que moram em outros países. Tomie Ohtake é uma dessas pessoas que vieram morar em nosso país. Ela nasceu na cidade de Kyoto, no Japão, e em 1936, aos 23 anos de idade, mudou-se para o Brasil. Fixou-se na cidade de São Paulo, onde se tornou uma importante artista plástica. (CARVALHAES; BORELLA, 2011, p.14).

Podemos perceber que o título não tem nenhuma relação com o texto apresentado pelas autoras do livro, pois se refere a “nossa história”, na idade das crianças desta turma a noção de história é vaga, ainda precisa ser trabalhada a partir de elementos mais próximos de seu cotidiano. Assim o texto deveria está abordando aspectos relacionados à história dos alunos, como, momentos marcantes da sua infância, brinquedos, amigos, família, objetos do seu passado recente, entre outros.

Porém, como foi possível perceber o texto relata um pouco da história do Brasil, fazendo uma enorme retomada ao passado, contando fatos de 512 anos atrás. No entanto, se pararmos para uma reflexão será que nessa faixa etária as quais essas crianças se encontram, elas compreendem a noção de Brasil, de história, de indígenas, portugueses, africanos, oceanos, décadas? As mesmas estão construindo agora o conceito de tempo e muitas delas ainda não sabem distinguir nem os dias da semana com precisão, então como essas crianças irão entender esse salto para o passado?

O texto continua falando, que as terras brasileiras antigamente eram habitadas por indígenas e depois não faz mais nenhuma referência a esses povos, à ideia que se passa é que eles simplesmente desapareceram da história, não existem mais.

Posteriormente, o texto apresenta de maneira superficial a história da vinda dos africanos para o Brasil. Não faz nenhuma relação com a África, quem eram os africanos? Como viviam? Por que foram trazidos para trabalhar como escravo? Como essas crianças poderão entender as noções de tempo, história, espaço se falta uma formação pedagógica, didática sobre as questões?

O capítulo traz ainda a ilustração de uma artista plástica que morava no Japão e imigrou para o Brasil, a imagem e o conteúdo referente a essa imigrante só reforça a confusão de ideias que a autora do livro apresenta. Daí surge mais questionamentos: Por que o texto não continuou explicando sobre a história dos africanos? Por que ao invés da ilustração da imigrante Japonesa não está o índio ou o africano, populações essas que tanto contribuíram para a formação da sociedade brasileira?

No capítulo seguinte, com o título: “Gente que faz”, na página 16, traz quatro ilustrações assim representadas: na primeira um pai está com seu filho, ambos negros sentados no quintal de casa; a segunda é um casal segurando seu filho bebê em um quarto, todos os personagens são negros; a terceira é um casal observando seu filho andar de bicicleta no parque, todos os personagens são negros e por fim, a quarta figura, é um menino negro na sua formatura do ABC, acompanhado da sua professora branca.

A primeira imagem é uma fotografia, as demais são desenhos, como se o pai estivesse lembrando para o filho momentos de sua história. Esse capítulo deveria ter o título do anterior, “Você tem história”, pois nele se mostra a história da criança. É muito mais fácil a criança compreender as noções de tempo e história a partir de sua história de vida que são situações concretas, próximas dela, do falando de povos e séculos que não tem sentido para criança.

Outro capítulo na página 20 tem como título: Amigos aqui e ali. Esta página e a seguinte trazem ilustrações de personagens na praia. Entre eles nove são crianças e cinco adultos. Apenas uma criança e um adulto são negros. Novamente o negro aparece em minoria, mesmo que a maioria da população brasileira seja negra, porque isso acontece? Nesse sentido, faz-se necessário entender o que significa essa situação? Será que existe uma resistência em colocar os povos negros em uma posição de privilégio na sociedade. De acordo com a lei 10.639/2003 os negros precisam ter a sua cultura e sua história valorizada isso sem desmerecer nenhuma outra cultura, mas apenas ser respeitada, compreendida e valorizada.

Qual o objetivo deste capítulo? Por que este título e estas imagens? O livro didático não faz uma sequência lógica dos assuntos, deixando assim o docente e aluno

confusos e sem condições de compreender a noção de história e os fatos históricos. Outro problema é que não há uma relação dos títulos com os textos e as ilustrações presentes. Alguns títulos estão sem nexos e não despertam os questionamentos dos alunos.

No capítulo da página 26 o título: “Compartilhando as decisões” traz um texto falando sobre o Quilombo de Campinho e apresenta uma ilustração de um artesão negro em uma comunidade quilombola e na página 27 aparece uma imagem de crianças em assembleia numa escola municipal, em Belo Horizonte.

O texto não explica o que é quilombo e nem como surgiu, ora são elementos importantes para a construção do conhecimento e de possíveis questionamentos. Nas duas imagens se aborda sobre a importância da democracia, do respeito e a forma organizada que os quilombolas resolviam seus problemas. Será que a escola pode fazer isso com seus discentes para discutir e resolver problemas? Será que as crianças nessa faixa etária são capazes de compreender esses conceitos desta forma como o capítulo está organizado?

Na página 28 o título do capítulo é: “Para o bem de todos”. Este apresenta uma imagem de um lixo deixado nas ruas de São Paulo, porém o título remete que o lixo é responsabilidade de todos, mas nos questionamentos não aparecem esse aspecto e nem fala das pessoas que vivem no e do lixo, as quais, em sua maioria, são negras.

Na página 29 a figura mostra uma mãe com seu filho, o qual rabisca a parede da casa. Observa-se que o conteúdo não é claro, parece mostrar que se deve iniciar em casa a cuidar para não sujar. No entanto, se a família escolhe uma parede para criança rabiscar, isso não significa que essa criança irá sujar as ruas, pois muitas famílias educam os filhos desde muito cedo a cuidar do lixo, mesmo que exista na casa uma parede para desenhos e rabiscos. Falta uma problematização do lixo de forma didática, fica clara a fragmentação do conteúdo, o que causa uma dificuldade de correlacionar os fatos sociais.

Por fim, na página 30 está o último capítulo com o título: “Rede de idéias”. O mesmo traz a figura da frente de um condomínio em que um dos moradores é deficiente visual e que para sua locomoção precisa de um cachorro da raça labrador e o condomínio só permite a entrada de animais de colo. O texto aborda a inclusão social uma questão muito difícil e necessária para os dias de hoje e de forma problematizadora estimula os alunos a resolverem a situação desse morador.

Com essa sequência fica difícil de compreender a proposta do livro, qual seu objetivo para as crianças da faixa etária que é indicado no livro? Será que o professor está preparado para trabalhar esse livro didático? Como ajudar o professor a fazer melhores escolhas dos livros para uso em sala de aula?’

O segundo livro analisado foi: De olho no futuro- História 2º ano, edição renovada de Thatiane Pinela, Liz Andréia Giaretta do ano de 2008.

A capa do livro tem uma menina branca sorrindo, alguns brinquedos, como o pião e um trem de madeira e também um relógio. A apresentação do livro traz a ilustração de três mulheres aparentemente japonesas

Na página 6 aparece o primeiro capítulo do livro com o título: “Eu e os outros.” Ele traz a ilustração de cinco crianças em fotografias reais ao lado de cada uma vem um quadro com dados identificadores de cada uma como nome, idade cor dos cabelos e olhos. A primeira fotografia é de um menino negro de quatro anos, com cabelos e olhos pretos; a segunda fotografia é uma menina com características de japonesa de seis anos, também com cabelos e olhos pretos; a terceira foto é uma menina loira de oito anos, com olhos azuis; a quarta foto é um menino branco de seis anos com cabelos e olhos castanhos e, por fim, a quinta fotografia é uma menina ruiva de oito anos com olhos castanhos.

As imagens revelam as diversas características que compõe a nação brasileira e induz a pensar a importância de cada uma dentro do contexto social. É de suma importância nos primeiros dias de aula ser trabalhada esta questão da diversidade. Pois, muitas vezes as crianças já começam a detectar as diferenças nos outros como algo negativo, dessa maneira a criança vai se reconhecer dentro deste espaço e reconhecer o outro por suas diferenças. Contudo, o reconhecimento e valorização destas diferenças, a diversidade social e cultural só acontecerá com a mediação do educador.

Na sequência a atividade relacionada às imagens provoca cada aluno da turma a buscar se identificar com alguma das fotografias e pergunta qual é o tipo de cabelo, as opções são: Liso, ondulado, crespo, outro. Nessa situação, o professor precisa estar atento para valorizar as diferenças e não reforçar os estereótipos existentes no cotidiano escolar.

No capítulo seguinte cujo título é: “Respeitando as diferenças” a reflexão sobre a diversidade continua e traz um cartaz com várias gravuras com pessoas de várias características diferentes, negro, loiro, deficiente visual, deficiente físico, gordo, magro e anão. Ou seja, retrata as diferenças e estimula a vivência de forma respeitosa com

essas diversidades. Mas se sabe que na prática essas relações não são tão amigáveis, as diferenças muitas vezes são motivos de conflitos e rejeições. Daí a importância do papel do professor como um mediador. Na sequência a atividade sugerida traz um texto falando sobre as diversas características das pessoas e uma ilustração na qual a professora está numa roda de conversa com seus alunos e entre os alunos três são negros e dois são brancos. O texto é o seguinte:

Em alguns aspectos as pessoas são parecidas e outros não. Na verdade, não há pessoas iguais no mundo. Cada pessoa tem uma aparência e um jeito de ser que são únicos. Não devemos esquecer que não somos melhores nem piores que as outras pessoas, apenas diferentes. Por isso, para convivermos um com os outros, é importante sabermos respeitar e aceitar as pessoas do jeito que elas são. (PINELA; GIARETTA, 2008, p. 10).

O pequeno texto estimula o aluno a perceber as características suas e de seus colegas, compreender a importância dessa diversidade na convivência social e perceber que todas as pessoas são diferentes e que o respeito entre as pessoas é fundamental.

No capítulo seguinte, na página 11, com o título: “As minhas preferências”, traz uma ilustração de duas meninas brancas gêmeas e um pequeno texto diz que elas só são parecidas por fora, mas por dentro são diferentes. Ou seja, o sujeito não pode ser julgado pela aparência porque não é a cor, cabelo, ou qualquer outro aspecto físico que irá determinar a índole de alguém, mas suas ações que irão dizer sua verdadeira personalidade. Na sequência traz a ilustração de quatro crianças que são diferentes: a primeira é um menino japonês que está com uma bola; a segunda é uma menina Loira que está com um livro; a terceira é um menino negro que está com uma banana; a quarta é uma menina negra que está com um cachorro.

O professor precisa ficar atento com essas gravuras, pois o menino e a menina negra estão respectivamente com uma banana e um cachorro, como existem estereótipos que associam o negro com animais, é importante perceber a reação da turma e refletir de forma que não reforce a imagem negativa do negro. Um questionamento que pode ser feito é por que a banana não foi colocada para menina branca e o livro para o menino negro?

O professor deve ter um senso crítico muito aguçado para se antecipar em algumas situações e impedir que o racismo seja alimentado em sala de aula. Por exemplo: Será que nesta imagem há uma intenção de enfatizar que os brancos têm mais acesso aos estudos para obter conhecimento e os negros não? Esse tipo de reflexão

sobre a forma como a figura se apresenta e quais os conteúdos estão sendo veiculados, e sua relação com o texto escrito deve ser feita pelo professor antes de transmitir o conteúdo.

No capítulo seguinte, cujo título é: “Brincadeira de todos os tempos”, tem quatro ilustrações de crianças brincando. Nas brincadeiras há interação de todas as crianças, negras e brancas. Os personagens estão felizes, aparentemente demonstram uma relação harmoniosa.

O capítulo com o título: “Todo mundo tem um nome”, o conteúdo fala sobre a importância do nome na vida das pessoas. A ilustração aborda cinco crianças, todas são negras. É importante observar como as autoras valorizam as crianças negras que são majorias nas escolas públicas, isso favorece que ocorra uma identificação das crianças da escola com as crianças do livro.

O título: Cada pessoa tem uma história, é um capítulo que aborda seis ilustrações em que mostra o convívio de um casal negro e o nascimento de sua filha. Tais gravuras apresentam a criança em diversos momentos de sua vida, desde o nascimento até a fase escolar.

Com a análise comparativa dos dois livros percebemos que no livro das autoras Leylah Carvalhaes e Regina Nogueira Borella os conteúdos e as imagens são abordadas de forma equivocada, não seguindo uma sequência didática lógica. Os temas e termos apresentados fogem da faixa etária a qual as crianças se encontram, ocorre uma fragmentação dos conteúdos, ou seja, aborda-se superficialmente uma questão e parte logo para outra temática. Assim, dificulta a compreensão da história de forma integral deixando lacunas na aprendizagem dos alunos.

Já em relação às imagens, percebe-se uma ausência na representação do negro em que o mesmo é sempre minoria. E quando aparece alguma imagem do negro a mesma não tem relação com o título, ou o conteúdo, ficando assim, sem nexos e solta.

O livro aborda temas como quilombos e a vinda dos africanos para o Brasil, porém não faz uma problematização dessas questões e nem esclarece definições para entendimento da faixa etária das crianças.

No segundo livro se percebe que as autoras Pinela e Giaretta já apresentam imagens da população negra de maneira mais positivada, o mesmo segue uma sequência didática, com temas e termos mais acessíveis às crianças. Mas mesmo assim, ainda precisa de alguns reajustes no que diz respeito às diferenças sociais, é necessário demonstrar maior clareza nesse aspecto.

Nessa perspectiva, percebe-se que o educador precisa ter uma formação que permita uma percepção crítica para apreender as facetas em que os livros didáticos apresentam os conteúdos e as imagens, pois só um olhar aguçado pode detectar os equívocos e as falhas por eles veiculados.

Com a análise destes livros didáticos de história das escolas municipais de Campina Grande – PB se observou com maior frequência imagens de negros representados de maneira positiva, em que mostrava uma interação entre brancos e negros sempre de forma harmônica e em ambientes agradáveis. Será que essa realidade manifestada no livro condiz com o que é vivido no cotidiano escolar e social?

O fato do desconhecimento por parte de alguns professores da lei 10.639/2003 torna esse quadro ainda mais preocupante no processo emancipatório de reconhecimento cultural e social do negro na história, pois como problematizar a temática sem a formação adequada?

Tais conhecimentos possibilitam uma maior reflexão por parte dos docentes, a qual levaria a uma compreensão crítica e integradora da realidade que o cerca. Assim, o educador poderá problematizar a história afrobrasileira e africana, despertando em seus alunos a criticidade e ampliação de concepções referente à temática.

As imagens presentes nos livros didáticos revelaram a presença significativa do negro em alguns segmentos de prestígios da sociedade vigente, como profissões de: médicos, professores, recepcionistas, entre outras. Embora apresentando tais aspectos, os negros continuam sutilmente sendo retratados de forma subalterna nos livros. Os conteúdos referentes à temática não apresentam questionamentos reflexivos interligando os fatos econômicos, políticos, históricos e culturais com a realidade contemporânea.

Embora as imagens do negro nos livros didáticos estejam apresentando mudanças significativas, elas em si mesmas não bastam, pois é preciso que o professor tenha a formação adequada para que possa mediar as discussões e reflexões permitindo assim uma maior compreensão no processo de aprendizagem. O profissional que estará utilizando este material didático é quem poderá problematizar a concepção preconceituosa com relação à cultura e história africana e afrobrasileira.

Podemos conceber o livro didático a partir de duas dimensões: enquanto instrumento de uma conscientização sobre a pluralidade cultural que compõem a realidade social, como artifício para desconstruir concepções equivocadas e difusas dos valores das diversas culturas, ou ainda, sua utilização como instrumento de sustentação de preconceitos, racismo e discriminações.

A utilização do livro a partir destas dimensões dependerá primeiramente da formação continuada do professor, pois ela que possibilitará condições para um trabalho mais crítico e consciente. Assim, é necessário que os sistemas de ensino proporcionem a oportunidade aos professores de participar de tais cursos, visto que, muitos não participam pela carga horária excessiva de trabalho.

Portanto, é urgente o investimento na formação continuada, servindo como suporte fundamental para o conhecimento a respeito da temática afrobrasileira e africana.

Nos livros didáticos analisados foi possível perceber com maior frequência a presença da pluralidade cultural, abordando elementos como os diversos modos de vida, culinária, indumentárias, entre outros, tais aspectos revelaram as possibilidades diversas que o educador tem para suas práticas educativas em sala de aula.

Porém, o livro didático não pode ser compreendido pelo professor como o único mecanismo didático em suas práticas e nem tão pouco entendido como produto pronto e acabado, sabendo que o mesmo precisará passar por uma contextualização e adequação com a realidade ao qual o professor e o educando estão inseridos.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa sobre os livros didáticos analisados até o momento se percebe que há uma diferença na abrangência dos conteúdos e a representação das imagens dos negros. Parece existir uma preocupação de mostrar que o negro está presente, porque antes da lei 10.639/03, na maioria das vezes, ele era ausente, só quando se falava da escravidão e abolição que existiam negros. No entanto, em um dos livros sua imagem não está bem relacionada aos conteúdos didáticos, que não seguem uma sequência didática apropriada à idade das crianças.

A Lei 10.639/2003 assegura o ensino da história afrobrasileira e africana, que embora já esteja completando dez anos de sua implantação parece ocorrer algumas resistências por conta da falta de conhecimento, formação e superação do preconceito em relação ao negro e sua história por parte dos docentes.

Não bastam as escolas incluírem em seus currículos a história e cultura afrobrasileira e africana é preciso que aja uma adequada qualificação dos docentes para trabalhar a temática do negro de forma crítica, permitindo que se compreendam os erros do passado que ainda influenciam o presente e combater o racismo velado.

Devemos reconhecer que há avanços nos livros didáticos sobre a história e a cultura afrobrasileira, mas ao mesmo tempo se faz necessário que estes apresentem de maneira clara sequências didáticas para que os conteúdos sejam trabalhados destacando a real contribuição dos povos africanos para a construção da cultura do nosso país.

Concluimos que tanto o livro didático como o papel do professor exercem uma grande importância na mediação para o reconhecimento da contribuição dos povos africanos, para a valorização da cultura afrobrasileira e superação do racismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

CARVALHAES, Leylah; BORELLA Regina Nogueira. **Projeto Prosa: história**, 2º ano. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: 2007.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2010.

PINELA, Thatiane; GIARETTA, Liz Andréia. **De olho no futuro: história**, 2º ano. São Paulo: Quinteto editorial, 2008.